

Cordialidade canibal

Mário Hélio Gomes de Lima
Fundação Joaquim Nabuco, Recife - Brasil

Resumo

O atual texto problematiza as definições intelectuais sobre o brasileiro que foram adotadas e vulgarizadas pelo sistema escolar e pelos meios de comunicação de massa. Inicia com um estudo das diversas noções de cordialidade em Sérgio Buarque de Holanda e em Gilberto Freyre, e desenvolve as diversas facetas do cosmos social brasileiro pós-industrial, apontando para os limites das definições hegemônicas e abstratas com que a cultura brasileira costuma se definir. Finalmente, o estudo inclui comentários sobre a faceta violenta que a sociedade brasileira costuma ocultar graças à sua auto-imagem idílica e cordial.

Palavras-chave: cordialidade - violência - cultura pós-industrial

Abstract

The text describes some of the most notorious definitions that Brazilian culture and intellectuals adopted as expressing its essential identity. These distinguishing qualities and attributes have been adopted and vulgarized by mass-media and assimilated by the country's school system. The paper inquires into the several notions of "cordialidade" as defined by Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre and others, relating them to the Brazilian post-industrial social

cosmos and pointing out the shortcomings and abstract bases of the country's self-definition. The text comprises comments on the country's violent and gloomy side which is often hidden by Brazil's self-image as a cordial, democratic and multiracial society.

Key words: cordiality - violence - post-industrial culture

Os filósofos antigos entendiam que o melhor meio para conduzir uma discussão sobre qualquer tema seria partindo das definições. Assim deve começar este artigo. Pelo que querem dizer as palavras em “situação dicionária”. Não nos dicionários canônicos, como o *Houaiss*, o *Moraes*, o *Aurélio* ou o *Bluteau*. E sim no *Dicionário do diabo*, do escritor norte-americano Ambrose Bierce. Sendo o título do texto “cordialidade canibal”, é adequado definir canibal, coração, cordialidade e, em seguida, os termos indiretos como cortês e cortesia:

Canibal: Gastrônomo da velha escola que conserva o gosto pelos sabores simples e segue a dieta natural do período pré-porcino.

Coração: Bomba de sangue muscular e automática. Figurativamente, se diz que este útil órgão é a sede das emoções e dos sentimentos, uma encantadora fantasia que, no entanto, não é senão um vestígio de uma antiga crença que no passado foi universal. Hoje em dia se sabe que sentimentos e emoções residem no estômago e que surgem dos alimentos pela reação química dos fluidos gástricos.

Cordialidade: modos especialmente esmerados que se mostram diante de alguém que está a ponto de receber a distinção de que o enganem.

Cortês: especialista nas artes e na prática da dissimulação.

Cortesia: A forma aceitável da hipocrisia. Desculpar-se diante do outro por colocar-se em seu caminho, justo quando este acaba de transpassar-lhe com uma bala que lhe havia disparado a um terceiro.

Definidas, então, ironicamente as palavras-chave que motivam o artigo, deve-se lembrar que o Brasil é daqueles países cujo exotismo – interno ou externo – captado e transmitido pelos meios de comunicação – entre eles, os de massa – costuma ser motivo de auto-estima. Junto com isso valorizam-se mais os dotes relacionados às virtudes do corpo do que as qualidades do intelecto. Daí a generalização tão aceita de que o Brasil é o país do carnaval e do futebol, práticas sociais que envolvem vigorosa dinâmica do corpo e particular virtude das pernas e dos pés. Evidentemente, alguém invocará de imediato a criatividade

como ingrediente fundamental do patrimônio mental do país, o que, logo, se revelar-se-á um elogio incontido do imprevisto: outra grandeza nacional.

Não é, no entanto, nos membros inferiores que se concentra o qualificativo mais aceito para sintetizar o Brasil, e sim na tal “bomba de sangue muscular e automática”. Um dos mais importantes historiadores brasileiros da primeira metade do século XX, o paulista Sérgio Buarque de Holanda, assim o entendia. Faz quase setenta anos que ele afirmou que o “homem cordial” – aquele que age seguindo os ditames e arroubos do próprio coração – seria a contribuição do Brasil para a civilização.

Sabe-se da polêmica que resultou dessa simples expressão, notadamente com o poeta Cassiano Ricardo.¹ Em parte, por questões semânticas. No final das contas, tudo se resumindo a cordial como relativo ao coração – pela origem no latim –, do mesmo jeito que em palavras como discórdia e acordo. E nisso, os impulsos cordiais tanto podem ser positivos como negativos, mas nunca sinônimos de polidez, de autocontrole, de bons modos. Era como se, por certo aspecto, cordial, em sua franqueza, espontaneidade, sinceridade tosca fosse o oposto do cortês. Uma passagem notável de Norbert Elias, comentando as conversações de Goethe, pode elucidar bastante bem um estudo que ponha relevo, numa possível relação antagônica, cordialidade e cortesia.²

Haveria outros elementos que excederiam essa mera questão de cultura e civilidade, pois alcançaria o tônus político, uma vez que as relações cordiais fariam o predomínio do público sobre o privado, a informalidade sobre a formalidade, a intimidade sobre o ritualismo. A lógica, enfim, do doméstico, e não do cartesianismo. O historiador enxergava que o “homem cordial” estava com os dias – melhor, com os anos – contados. No momento em que o Brasil abandonasse sua ética de fundo rural, muito da cordialidade descrita em *Raízes do Brasil* já não faria sentido.

Na prática, as coisas costumam ser mais complexas do que as generalizações intelectuais. O que fez a geração de Sérgio Buarque de Holanda foi, com competência, e usando as ferramentas disponíveis no seu tempo, encontrar eixos definidores para um país tão grande e tão rural – em 1936, a maioria dos brasileiros vivia no campo –, num tempo em que os modernistas e seus herdeiros empregavam a valer a expressão “tão Brasil”, tal a necessidade de rótulo, no empenho em redescobrir o país que movia intelectuais de primeira linha, como

Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Oswald de Andrade. Este último deu uma contribuição literário-filosófica, com a sua tese do Brasil canibal. No já longínquo ano de 1928, o autor de *O perfeito cozinbo das almas deste mundo*, afirmava e indagava da antropofagia:

É a nova corrente o complemento lógico, maduro, das tendências de nossos artistas, revelados – com muito erro, não há dúvidas – desde Gregório de Mattos. Surge a Antropofagia como um efeito imediato do *Verdamarelismo* e da *Anta*.³ Mais tardia que elas, é, talvez, mais acertada. Terá vida mais duradoura? Virá, mesmo, de encontro a um desejo da massa?⁴

A antropofagia à moda de Oswald despertou simpatias em autores como Albert Camus – desde Montaigne, pelo menos, os intelectuais franceses são fascinados pelo selvagem comedor de gente. Mas, teoricamente, prosperou pouco. Melhor em poemas e canções – o compositor baiano Caetano Veloso, herdeiro indireto desses modernismos e tropicalismos se refere, numa canção, a alguém que “comeu” seu “coração”: o canibalismo cordial levado às últimas conseqüências líricas.

No passado mais longínquo, pensou-se que o país dos canibais seria a região atualmente designada Nordeste. Num passado mais recente, canibais eram considerados os comunistas – “comedores de crianças”. Como se sabe, antropologicamente, é um hábito “reconhecível e persistente: o reconhecimento de ‘outros’ como canibais”, e que “é um erro crasso sugerir que uma sociedade determinada é ou foi ‘canibal’ no sentido amplo da palavra”.

Hoje, os novos jecas-tatus são muito mais difíceis de apreender numa só expressão sociológica. Os “canibais” nada têm da religiosidade visceral dos seus antepassados. Os índios são caricaturas de índios. A própria sociologia se esgarçou. Homens cordiais do interior do Brasil vão povoar os grandes centros urbanos do país ou do estrangeiro. Muitas vezes, com pouco lenço, algum documento e, sobretudo, servindo-se, apenas, do coração e da coragem. São as novas canções do exílio que cantam ou emudecem.

Nos momentos de crise e de transbordamento emocional entendem-se, no entanto, esses brasileiros como especiais pela simples condição de brasileiros. Do seu emocionalismo, da sua fé no Deus cristão – e em todos os outros deuses que a sua credulidade comporte –, da sua predisposição para a festa e a aventura. Do seu gosto pelo barulho, pelo movimento, pelos esportes, pela TV. Em resumo,

nada do que não se encontre em muitos outros povos do Ocidente.

Numa entrevista publicada em *O Jornal*, na época em que mais ardentemente defendia a antropofagia, anotou-se do que disse Oswald de Andrade:

Nós importamos, no bojo dos cargueiros e dos negreiros de ontem, no porão dos transatlânticos de hoje, toda a ciência e toda a arte errada, que a civilização da Europa criou. Importamos toda a produção dos prelos incoerentes de Além-Atlântico. Vieram, para nos desviar, os Anchietas escolásticos, de sotaina e latinório; os livros indigestos e falsos. Que fizemos nós? Que devíamos ter feito? Comê-los todos. Sim, enquanto esses missionários falavam, pregando-nos uma crença civilizada, de humanidade cansada e triste, nós devíamos tê-los comido e continuar alegres. Devíamos assimilar todas as natimortas tendências estéticas da Europa, assimilá-las, elaborá-las em nosso subconsciente, e produzirmos coisa nova, coisa nossa. Tal não fez o americano de ontem, entretanto. E errou. A multidão americana – pequena, é verdade –, que passeia hoje em meio à multidão heterogênea da América, sente, agora, o erro. Sente-o, mas não o compreende. Só o europeu, que flana uma ou duas gerações aqui, não o sentirá.⁵

Isso é parte de um programa utópico antropofágico ainda por se cumprir. Todo o nacionalismo e regionalismo em literatura termina sendo, nos dias de hoje – mesmo sem querer – devedor das idéias de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Gilberto Freyre sobre modernidade e tradição. A realidade urbaníssima, no entanto, é outra. Muito mais fria do que gostariam esses líricos.

O país dos *homens cordiais* – Brasil – não emprega, somente, diminutivos e prenomes – como meios de acentuar intimidade, proximidade, no dizer de Sérgio Buarque de Holanda e Freyre – na linguagem diária, como distintivos de suas complexas hierarquizações para além de *Belíndias* – expressão comumente usada para significar o contraste entre um Brasil rico – Bélgica – e o Brasil pobre – Índia. Continua a usar pouco o “por favor” – especialmente com os seus empregados domésticos, que como os escravos, as coisas e os animais, têm um espaço delimitado – o elevador de serviço nos edifícios urbanos, por onde devem entrar e, talvez, sujem na entrada ou na saída: como se diz, de forma pejorativa, em referência aos negros.

O brasileiro trocou o francês obrigatório às elites no passado, por um português macarrônico, uma mescla impossível de falso inglês com gíria e má sintaxe, que contagia os nomes de incontáveis casas comerciais, está em todos os meios de comunicação de massa e inunda o cotidiano. É o canibalismo da linguagem, não mais o idílico, visto por Freyre, com a gordura amolecedora

da cultura africana sobre o duro português de Portugal.

Se o informalismo e a cordialidade persistem como signos que um brasileiro entenderia especialmente seus, são inseparáveis do gosto por outros tipos de ritualismos que vão do falar e escrever difícil e mal – dos escritos acadêmicos, das bancas de advogados, das receitas de médicos – ao sadismo burocrático. O brasileiro, entretanto, se orgulha mesmo é da sua cordialidade – país sem guerra, sem vulcões e furacões, mas que faz do homicídio e da tortura, da corrupção e da esperteza em proveito próprio algo quase banal.

A cordialidade insiste: é patrimônio do nacionalismo brasileiro, como a cachaça, o futebol, a pele à flor do sexo, as praias, as florestas, já não tão virgens. Terra sem males, de bons selvagens. De canibais. De expressões cotidianas, ouvidas nas ruas. Seja dos que pedem esmolas com a frase “é melhor pedir do que roubar”; seja da referência a algum político, que “rouba, mas faz”, onde se aceita com naturalidade ditos como “estupra, mas não mata”, ou, se “o estupro é inevitável, relaxe e goze”. Onde há multidões dispersas numa guerra civil racial sem sociólogos que as definam bem, “elementos”, não indivíduos, “vulgos”, no lugar de cidadãos, Homens-carcarás – corvos – , cordiais-canibais, do “pega, mata e come” – de uma canção popular.

Dentro dessa terra onde jazem insepultos muitos Polínicos à espera de cinzas, não são as cores sombrias o que predomina – apesar de Paulo Prado fazer da melancolia um dos retratos do Brasil –, e sim as mais luminosas, berrantes, cruéis e escandalosamente vivas. Onde o próprio coração “é verde, amarelo, branco, azul anil”. “Haja coração” é o bordão do mais famoso locutor esportivo da mais popular rede de TV do Brasil – que vem contribuindo, há quarenta anos, para acentuar a uniformização do país, para além da língua portuguesa e do catolicismo romano. Nos momentos mais tensos das disputas esportivas em que seleções brasileiras se vêm acuadas ou num ímpeto irrefreável de superação, o locutor exclama “haja coração!” E, se vence o Brasil, os seus jogadores se reúnem em círculo, rezam e cantam.

Paixão, mania. São termos assim enfáticos e emocionais os que a publicidade, a imprensa e os brasileiros comuns mais gostam para si. Estéticas com o coração, desde o Romantismo, costumam triunfar, de Castro Alves a Roberto Carlos, de Gonçalves Dias a Jorge Amado, de José de Alencar a Paulo Coelho. Mas o escritor preferido das elites intelectuais continua a ser Machado de Assis. E, às vezes, os mais arrevesados: Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

Tanto Sérgio Buarque de Holanda quanto Gilberto Freyre foram responsáveis por alguns dos lugares-comuns até hoje amplamente aceitos para simplificar o Brasil. Embora de estilos, formações e personalidades distintas, eles não discordavam no essencial. Apenas, o pernambucano punha mais ênfase nos elementos étnicos – da cultura negra, principalmente – mais do que o seu colega paulista, quem sabe pela formação mais sistemática de antropólogo. Por isso, associou a simpatia – um dos sinônimos para o seu “homem cordial” – antes de tudo, ao mulato.

As generalizações intelectuais costumam ser difundidas pelo sistema escolar e pelos meios de comunicação de massa e terminam por aparecer entre os “logotipos” de um país – inclusive para exportação –, especialmente depois que o turismo passou a ser uma obsessão da maioria das nações. Logotipo menos evidente do que os hinos e bandeiras nacionais, no entanto, tão importantes quanto estes. Numa análise em profundidade, talvez se constatasse como os símbolos oficiais não estão muito distantes das generalizações intelectuais.

Felizmente, mesmo para os letrados, o Brasil não é aquele país em que a anatomia enlouqueceu – como no poema do russo Maiakovski, que associava o Brasil a uma visão do paraíso, onde alguém podia ser feliz – e em que se é todo coração. Nem é tão democrático racialmente, nem tão preconceituoso como os extremos poderiam concluir. Nisso, para uma análise do país, vale não só o que dizem os seus historiadores, sociólogos, e antropólogos, mas os seus poetas, artistas, artesãos, donos e donas-de-casa. No “Poema das sete faces” – aquele do “mais vasto é o meu coração” – o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade constrói uma cena em que um personagem vê “pernas brancas pretas e amarelas” e exclama: “pra que tanta perna, meu Deus?, pergunta meu coração”. E em seguida, conclui: “Porém meus olhos não perguntam nada”.

É assim na realidade. A diversidade complexa e contraditória do Brasil, está estampada diante dos olhos de cada um, mas é muito mais informe e multiforme, ainda, do que parece. A gentileza, a hospitalidade, a generosidade continuam a ser virtudes de que se gabam os brasileiros – junto com a alegria e o tônus efusivo – e continuam a confundir os estrangeiros. Os mestiços da terra, já sem tantas palmeiras, papagaios, sabiás, podem ser bem cruéis com seus índios, negros, brancos. Como a esfinge grega do “decifra-me ou te devoro”, o país pode canibalizar os que o entenderem de menos. E ser amável e violento, como

nos versos do “Fado tropical”, de Chico Buarque – filho de Sérgio Buarque – e Ruy Guerra, referem que, mesmo quando as mãos estão ocupadas em torturar, o coração chora. Tal ambigüidade é mais duramente expressa no verso do brasileiro Augusto dos Anjos: “A mão que afaga é a mesma que apedreja”.

Essa cordialidade de cirurgião, de naturalista, de canibal, entende que “a boca que beija é a mesma que escarra”. E, cotidianamente, exerce essa ambivalência. Por isso, a tal generosidade pode-se contrapor uma crueldade para o igual que é visto como o Outro – o especial sentido que assumiu a fraternidade à brasileira –, uma indiferença para os menos favorecidos – a feição que tomou a igualdade – e que, sempre, simpatizou com governos autoritários – a peculiar forma de ser da liberdade. Se a família é o oposto de Estado, e não uma gradação, ou ampliação deste, como bem explica Sérgio Buarque de Holanda em “O homem cordial”, deve-se lembrar que o Estado, no Brasil, exerce, como poucos, o monopólio da violência. Cidadania é quase só um verbete de dicionário de ciências sociais, ou de cartilhas de organizações não governamentais, cada vez mais dependentes de apoios de Estados.

Cordialidade, no Brasil, pode, perfeitamente, rimar com impiedade, e, de modo mais freqüente, com indiferença. Mais uma vez se pode recorrer a Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra pra ilustrar isso:

Se vejo um homem caindo
eu não sinto dó nem asco
eu tenho o olhar embutido
em máscara de carrasco.

Ou, noutra passagem:

Não tenho nada com isso
sou vassalo do vassalo
eu trato do meu serviço,
eu cuido do meu cavalo
não tenho nada com isso
estou cansado e com pressa
a guerra é o meu compromisso
e nada mais me interessa.

Além disso, a cordialidade já não se pode entender como uma herança virtuosa, ou viciosa, do mundo rural – curioso como os intelectuais, ainda estariam a pensar o campo como vilão – a etimologia diz bem deste último termo. E com

eles, em coro, os meios de comunicação de massa, a difundir que os movimentos do interior do país, em busca de melhor divisão da terra, ou de melhores condições de sobrevivência – sejam ligas camponesas ou MST⁶ –, são metonímias da desordem, da anarquia apenas. E toda a prática popular da religião que extrapole os cânones – católicos ou não – seriam fanatismo ou superstição. O Estado exerceu o terror contra vários desses movimentos milenaristas, sebastianistas ou messiânicos⁷, nos séculos XIX e XX. E, em séculos anteriores XVIII, XVII e XVI –, devastou quilombos⁸ e rebeliões.

O que diria um brasileiro comum se a ele lhe perguntasse pela cordialidade? Entenderia, é claro, o termo mais com o sentido de Cassiano Ricardo que de Sérgio Buarque de Holanda, ou seja, compreenderia a palavra com o coração. Exemplos bons são os cotidianos, de como o brasileiro se associa ao coração e nisto se aproxima da visão de sua elite intelectual e dos símbolos usados pelo Estado.

No domingo, 24 de julho de 2005, em dois lugares bem distantes, brasileiros de posições sociais distintas, embora de origem similar, invocaram o símbolo do coração para definirem-se. O primeiro cenário é Londres. Os protagonistas são brasileiros que protestavam porque a polícia inglesa matou por engano outro brasileiro, como eles – confundiu-o com um provável terrorista. Nos cartazes que exibiam estava escrito: “Cinco balas nos nossos corações”. A mensagem fazia referência à quantidade de tiros que mataram o eletricitista brasileiro – depois esse número aumentou para oito. Detalhe importante: os tiros foram dados na cabeça, a parte do corpo que, vulgarmente, se cita como oposta ao coração. A alguém que usa a cabeça se diz racional, ou cerebral. Os brasileiros – invertendo esses pólos – se manifestaram como brasileiros, isto é, cordiais, em oposto aos ingleses, cerebrais.

No mesmo domingo 24 de junho, o presidente da República Luís Inácio Lula da Silva esteve em São Bernardo do Campo, no interior de São Paulo. Como numa volta às origens, ao útero, um refúgio em meio a tantas denúncias de corrupção envolvendo o seu governo – denúncias focadas, principalmente, em práticas “cordiais” de exacerbado clientelismo – na troca de favores e dinheiro. Foi naquela cidade, onde despontou para a fama de líder operário, metalúrgico, e amparado nisto, credenciou-se como um homem do povo candidato a presidente da República. Seria o exemplo máximo de democracia, inclusive, daquela do tipo defendida por Gilberto Freyre. De origem humilde, sem instrução superior,

mestiço, fruto do êxodo rural – saiu do interior de Pernambuco para procurar vida melhor na mais urbanizada e desenvolvida São Paulo –, Luis Inácio – o Lula do apelido, depois incorporado como sobrenome, é um dos exemplos da cordialidade – venceu na vida, como se diz.

Lula tem consciência de que é uma síntese do Brasil. Por isso, no seu discurso, referiu-se ao preconceito dos que entendem que, para alcançar a presidência da República, teria de ter formação superior – o diploma universitário serve como metonímia. De fato, no país dos Doutores – é o cumprimento habitual usado por pessoas humildes – eufemismo de pobre – para os que consideram superiores, e junto desse tratamento está outro, tipicamente patriarcal, que é o comuníssimo “meu patrão”. Mas o presidente não se satisfaz com a alusão ao preconceito. Precisa contrapô-lo, isto é, os que entendem que a capacidade de direção vem de estudos superiores, cerebrais – disto é um símbolo dos mais curiosos Rui Barbosa, sinônimo de “homem sábio” no Brasil, que fracassou em todas as suas tentativas de se eleger presidente do Brasil. Lula diz que, para presidir o país, não é necessário diploma de curso superior, e aponta para o peito – na camisa que veste está desenhado o símbolo das armas nacionais, oficiais: “Para dirigir esse país precisa, sobretudo, de uma coisa chamada coração”, ele diz.

Seja por escrito – em Londres – ou por linguagem oral e gestual – no interior do Brasil – o brasileiro entende que o coração é o símbolo máximo para defini-lo, para caracterizá-lo, movê-lo, motivá-lo. Certamente, surpreenderia Sérgio Buarque de Holanda não só usos assim da cordialidade, mas dos novos interesses nela – que ele entendia rapidamente superável pelo Brasil –, uma vez que era uma das coisas das “raízes”, não da grande árvore inteira e viçosa que se tornaria o país, no futuro. Entendia Sérgio Buarque de Holanda que aquele seu livro de estréia, também, já estava superado. Embora não discordando dele – o mesmo se aplica a outros clássicos, como *Os sertões*, e *Casa-grande & senzala* –, convém, ainda, referir-se àquela obra e lê-la por outros ângulos, às vezes, mesmo em abordagens heréticas.

Até que ponto *Raízes do Brasil*, *Casa-grande & senzala* e outros clássicos fundadores de mitos nacionais estão desatualizados? Isso é tema para outro texto. Sabe-se, no entanto, que já não é tão simples recorrer à inspirada interpretação de Hegel para *Antígona* – a oposição das vontades de Família e de Estado. Como disse bem Evaldo Cabral de Mello – em *Um imenso Portugal*:

Paradoxalmente em termos de uma sociedade como a nossa, tão impregnada de familismo a ponto de família e Estado haverem sempre vivido em escandaloso contubérnio, a historiografia persistiu em encará-los como realidades antitéticas, em conseqüência talvez da influência da distinção, consagrada pelo direito romano, entre direito público e direito privado. Nos estudos de formação brasileira, essa dicotomia assumiu as formas alternativas de interpretar nosso passado seja pelo papel absorvente desempenhado pela grande família (Gilberto Freyre), seja pela ação tutelar do Estado sobre a sociedade civil (Raymundo Faoro), quando, na realidade, ambas as análises encontram-se mais próximas do que poderiam supor seus respectivos partidários.⁹

Outros pontos a atualizar e rediscutir do “homem cordial” – de *Raízes do Brasil* –, na perspectiva atual, são: os problemas do público e do privado – num livro notável, publicado há pouco mais de vinte anos, Richard Sennett estuda *O declínio do homem público* –, que trazem no bojo as transações políticas que vêm incrustadas no chamado clientelismo. Sobre isso convém ler o que escreve José A. González Alcantud (*El clientelismo político – perspectiva socioantropológica*) que dá conta de novas formas de clientelismo e patriarcalismo produzidos nas cidades, não mais, simplesmente nas zonas rurais, que são o foco de interesse de *Raízes do Brasil*.

Notas

¹ É o próprio Sérgio Buarque de Holanda quem explica a origem do “homem cordial”: “A expressão é do escritor Ribeiro Couto, em carta dirigida a Alfonso Reyes e por este inserta em sua publicação *Monterey*. Não pareceria necessário reiterar o que já está implícito no texto, isto é, que a palavra ‘cordial’ há de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico, se não tivesse sido contrariamente interpretada em obra recente de autoria do Sr. Cassiano Ricardo, onde se fala no *homem cordial* dos aperitivos e das ‘cordiais saudações’ (...) e se antepõe à cordialidade assim entendida o ‘capital sentimento’ dos brasileiros, que será a bondade”. O historiador esclarece que com *homem cordial* não quis utilizar juízos éticos, como parece fazer o seu oponente.

² “A honestidade e a sinceridade, por exemplo, são neste, momento contrastadas como características alemãs, à cortesia dissimuladora. A sinceridade, porém, da forma aqui usada, emergia inicialmente, como traço característico de pessoa da classe média, em contraste com o mundano ou o cortesão.”

³ Duas das mais curiosas expressões do modernismo literário no Brasil, de caráter nacionalista.

⁴ *Os dentes do dragão*. São Paulo: Globo, 1990.

⁵ *Op. Cit.*

⁶ As Ligas Camponesas são movimentos em defesa da reforma e da distribuição da terra no Brasil, originadas no começo da década de 50, e que tiveram em Francisco Julião o seu principal líder. O MST é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que se organiza, na atualidade, e, periodicamente, invade propriedades, julgadas pelo movimento passíveis de desapropriação para uso social.

⁷ O sebastianismo se refere ao rei português D. Sebastião, que pereceu em 1580, nas areias do Marrocos, e não deixou sucessor. Isso precipitou a união dinástica de Espanha e Portugal. Os portugueses não se conformaram com a morte do seu rei e disso nasceu uma esperança mística e messiânica no seu retorno que, sob diversas formas, e com sentido ora político ora religioso, e, por vezes, sutilmente mesclados, foi assimilado no Brasil, com outro sentido. Antônio Conselheiro é o exemplo mais famoso do catolicismo exacerbado, combatido pelo Estado. Baseado nessa história é que o escritor mexicano Mario Vargas Llosa escreveu *A guerra do fim do mundo*.

⁸ Quilombos eram ajuntamentos, ou comunidades de negros rebeldes, que se libertaram a si. O mais famoso foi o dos Palmares, em Alagoas, no Nordeste do Brasil. As rebeliões políticas mais importantes contra o domínio português ocorreram em Pernambuco em 1817 e 1824.

⁹ *Um imenso Portugal – história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.